

Ana Isabel Xavier

Secretária de Estado da Defesa Nacional

Discurso da Secretária de Estado da Defesa Nacional, Ana Isabel Xavier, por ocasião da conferência “Os desafios da Segurança e Defesa 2025,” organizada pela Delegação da Madeira da Associação dos Auditores dos Cursos de Defesa Nacional

Espaço “Ideias”, Funchal, 23 de abril de 2025

Exma. Senhora Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira, Dra. Rubina Leal

Exmo. Senhor Secretário Regional de Educação, em representação do Senhor Presidente do Governo Regional, Dr. Jorge Carvalho

Exmo. Senhor Comandante Operacional da Madeira, Senhor Major-General Lopes da Silva

Exmo. Senhor Presidente da Delegação da Madeira da Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, Dr. Nuno Perry

Exmo. Senhor Dr. Eduardo Brazão de Castro, querido colega e amigo

Demais entidades civis e militares aqui presentes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É uma honra e genuína alegria estar aqui no Funchal, nesta conferência organizado pela Delegação da Madeira da Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, dedicada ao tema crucial dos Desafios da Segurança e Defesa em 2025.

E é, sobretudo, um privilégio participar neste momento especial com uma audiência tão distinta que serve também de homenagem muito merecida e justa ao Dr. Eduardo Brazão de Castro. Um nome que ficará para sempre na história desta região autónoma, não tivesse sido, ao longo de 31 anos consecutivos, deputado à Assembleia Legislativa Regional e Secretário Regional do Governo Regional da Madeira. Um nome que também ficará para sempre na história da Associação de Auditores dos Cursos da Defesa Nacional e desta Delegação, a que presidiu durante vários anos, inclusive quando eu fui Presidente da Associação. O Dr. Eduardo Brazão de Castro foi o meu colega do Curso de Defesa

Nacional, e o que eu sempre testemunhei foi um cidadão comprometido, um verdadeiro defensor da causa pública e um entusiasta confesso pelo nosso país e pela Defesa Nacional. A sua liderança, visão e entrega são parte do legado que hoje celebramos e que devemos continuar a honrar.

E a verdade é que, se em 2011/2012, quando fizemos o nosso Curso de Defesa Nacional, estávamos a preparar o Conceito Estratégico de Defesa Nacional, que viria a ser aprovado em 2013, tendo em mente o Conceito Estratégico de Defesa NATO de 2010 que aceitava a Federação Russa como um parceiro estratégico, logo se precipitariam alterações irreversíveis no sistema internacional. A 18 de Março de 2014, a Federação Russa de Vladimir Putin anexava a Península da Crimeia, através de um referendo sem reconhecimento internacional. Para muitos analistas, esta data seria já um prelúdio de um ponto de viragem ainda mais significativo: a invasão ilegal, ilegítima e

desproporcional da Ucrânia pela Federação Russa, em fevereiro de 2022.

Uma chamada de atenção brutal para o facto de a guerra não ser uma realidade distante, mas uma ameaça concreta, que pode bater às portas da Europa com violência e com consequências devastadoras. Portas que não são meras fronteiras físicas, se pensarmos que a guerra não se fica pelo plano militar!

Este conflito que perdura há mais de três anos veio também expor fragilidades que já existiam, mas que foram ignoradas ou subestimadas durante demasiado tempo. Em particular, a guerra evidenciou, de forma abrupta e violenta, a urgência de reforçar as nossas capacidades militares e de repensar, com seriedade, a base tecnológica e industrial de defesa europeia.

Esta guerra mudou a nossa maneira de ver a segurança do espaço Euro-Atlântico. Já não se trata de garantir a segurança física dos nossos cidadãos, mas também a segurança ontológica da nossa comunidade. Esta guerra não é apenas um confronto entre Estados – é um ataque aos valores que nos definem: a liberdade, a soberania, a democracia, o Estado de Direito e os direitos humanos.

É por isso que a União Europeia, em estreita colaboração com a NATO, tem procurado dar uma resposta clara, coordenada e sustentável. A segurança do nosso continente e do espaço Euro-Atlântico não se faz apenas com palavras ou intenções – exige ação, compromisso e, acima de tudo, uma visão estratégica a longo prazo.

A Aliança Atlântica continua a ser o pilar fundamental da nossa segurança coletiva, mas a União Europeia tem de ser também

capaz de assumir responsabilidades crescentes no plano da Segurança e Defesa. Agora, a consciência disso mesmo é factual e transversal e exige uma profunda redefinição da nossa abordagem à segurança, de modo a garantir maior autossuficiência e prontidão!

A União Europeia tem dado passos significativos na sua autonomia estratégica – e fê-lo motivada, não por conveniência, mas por necessidade. O Brexit, uma pandemia global, uma guerra no nosso continente e uma vizinhança sul em convulsão aceleraram um processo que já se impunha desde o Conselho Europeu de 2013 quando foi proclamado que “Defence Matters”.

Pela primeira vez, a União Europeia e os seus Estados-Membros financiaram armamento letal para apoiar um país parceiro em guerra. Investimos no desenvolvimento e aquisição de capacidades de Defesa. Lançámos a Bússola Estratégica enquanto

instrumento de operacionalização da Estratégia Global de 2016. Criámos uma pasta na Comissão Europeia dedicada exclusivamente à Defesa e ao Espaço.

E, mais recentemente, a Comissão Europeia apresentou o Livro Branco “European Defence Readiness 2030,” acompanhado de um envelope financeiro significativo – o programa “ReArm Europe” – que veio colocar à disposição imediata dos Estados-Membros instrumentos financeiros até 800 mil milhões de euros para um reforço rápido e significativo do investimento e capacidades de Defesa.

Um *policy brief* da Bruegel publicado recentemente com o título “The governance and funding of European rearmament” é inequívoco: a Europa deve acelerar o rearmamento através de uma cooperação mais reforçada e uma governação inovadora capaz de conter a agressão Russa e a viragem das políticas americanas.

Mas também os recentes relatórios Draghi, Letta e Niinistö oferecem importantes reflexões sobre a resiliência da União Europeia face a dinâmicas geopolíticas em constante mudança e convergem na necessidade de relançar a competitividade europeia. Para tal, preconiza-se desburocratizar, desregulamentar e descomplicar, para assegurar a atratividade nacional e a especialização em setores capital-intensivos e geopoliticamente relevantes.

A verdade é que se queremos, nas palavras do antigo representante Josep Borrell, que a União Europeia “aprenda a falar a linguagem do poder” ou nas palavras do novo Comissário Europeu para a Defesa e o Espaço, Andrius Kubilius, que a Europa não continue “a dar-se ao luxo de ser um espectador da sua própria segurança”, temos que passar das palavras ao planeamento estratégico conducente à ação.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Portugal, Estado-Membro da União Europeia e Aliado fundador da NATO, tem estado à altura dos desafios.

Portugal tem vindo a reforçar os seus próprios investimentos em Defesa. Não apenas em equipamentos, mas – e sobretudo – nas condições dos nossos militares e na atratividade das nossas Forças Armadas. Garantir formação de excelência, oferecer carreiras estáveis e valorizadas, são medidas fundamentais para termos umas Forças Armadas preparadas, motivadas e eficientes. E sim! Assim estamos a investir na Paz e na nossa soberania, num ambiente global cada vez mais conflituante e imprevisível!

A nossa indústria de defesa está também a dar sinais de modernização e adaptação às novas exigências do contexto global. Portugal tem procurado estar na linha da frente da

inovação e do desenvolvimento tecnológico, incluindo nos novos domínios, através de investimentos na ciberdefesa e nas nossas capacidades espaciais. E é mesmo de investimento que falamos, porque a defesa não é despesa!

Portugal é hoje um coprodutor de segurança confiável, especialmente junto dos nossos parceiros no Sul Plural.

A nossa história, a nossa língua, a nossa geografia e a nossa diplomacia conferem-nos uma posição única, enquanto ponte entre três continentes, para fomentar a paz, a cooperação e a estabilidade em regiões onde a presença europeia é, por vezes, escassa, mas essencial.

Portugal tem uma grande vantagem, não só na capacidade de falar, mas sobretudo de ouvir o Sul Plural, não fosse o português a língua mais falada no hemisfério sul.

Esta valência é amplamente reconhecida pelas Organizações Internacionais a que pertencemos, e deverá ser objeto de novos passos rumo ao objetivo partilhado de promover, de forma conjunta com parceiros da CPLP, como o Brasil, a língua portuguesa como uma das línguas de trabalho das Nações Unidas.

Também a candidatura de Portugal a membro não-permanente do Conselho de Segurança da ONU para 2027-2028, sob o lema “Prevenir, Cooperar, Proteger,” reflete, precisamente, as ambições e o compromisso nacional em contribuir para soluções globais.

Mas, como dizia no início, os desafios não se esgotam na componente militar. Vivemos num tempo de grande proliferação de ameaças híbridas, onde a desinformação e os ataques cibernéticos se tornaram armas poderosas, invisíveis e, por vezes, devastadoras. A guerra moderna já não se faz apenas nos teatros

de operações, com botas no terreno – faz-se também nas redes sociais e junto da opinião pública.

É por isso que a resiliência das nossas sociedades se tornou um elemento-chave da segurança nacional e regional. Precisamos de cidadãos mais informados, mais conscientes, mais preparados. E isso implica continuar a apostar na literacia de Defesa, sobretudo junto dos mais jovens. E é por isso que fiz questão de vir acompanhar o Dia da Defesa Nacional ao Regimento de Guarnição 3.

É essencial que os jovens compreendam o papel decisivo das Forças Armadas. Que olhem para a carreira militar não como um sacrifício ou imposição, mas como uma oportunidade de servir o País, com orgulho, competência e honra; com acesso ao ensino superior e à formação contínua, e a percursos profissionais com futuro e prestígio nos quadros permanentes das Forças Armadas.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Vivemos tempos de incerteza e de rápida transformação. Que nos desafiam! O mundo está cada vez mais volátil e imprevisível. Mudou de repente e depressa! E os desafios que enfrentamos são militares, mas também estratégicos, tecnológicos, sociais e até ambientais. Um mundo que mergulha cada vez mais na guerra e na desordem, como lembrava o Papa Francisco, este domingo de Páscoa, na sua mensagem “Urbi et Orbi” onde se listavam 11 países e seis regiões assolados por conflitos que teimam na destruição: Gaza, Sudão, Líbano, Síria, Iémen, República Democrática do Congo, Mianmar, Corno de África, Região de grandes Lagos, Ucrânia... Uma mensagem onde o Santo Padre também apelou aos políticos para combaterem a fome e promoverem o desenvolvimento. “Estas são as 'armas' da paz: aquelas que constroem o futuro, em vez de espalhar morte!", escreveu Francisco.

O mundo está a mudar. E com ele, os riscos, as ameaças, mas também as oportunidades. Cabe-nos a nós fazermos a nossa auto-reflexão, enquanto decisores, cidadãos e membros de uma comunidade livre, independente e democrática, para agirmos e estar à altura destes desafios.

A preparação e a resiliência são as nossas maiores aliadas. E, nesse esforço, todos contam. O debate, a formação, a consciência cívica e o investimento sustentado são as ferramentas que nos permitirão garantir a segurança das nossas sociedades e a defesa dos nossos valores.

A Segurança e a Defesa não são temas apenas para especialistas, como bem sabemos – são questões que nos dizem respeito a todos, e a Associação dos Auditores dos Cursos de Defesa Nacional é testemunho disso. A Segurança e a Defesa são uma responsabilidade coletiva. E é através do diálogo, da colaboração

e da partilha de ideias, como hoje aqui fazemos nesta conferência, que conseguimos construir soluções mais eficazes e duradouras.

A concluir, dirijo uma palavra especial à Delegação da Madeira da Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, renovando o meu agradecimento pelo convite e felicitando por esta excelente iniciativa, que muito dignifica a causa que todos partilhamos.

É bom estar convosco. E é melhor ainda saber que partilhamos o mesmo propósito: construir uma Europa mais segura, um Portugal mais preparado e um futuro mais livre!

Muito obrigada.